



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Aline Dias da Silveira¹

História Global da Idade Média: Estudos e propostas epistemológicas

Global History of the Middle Ages:
Studies and epistemological proposals

Resumo:

A proposta deste artigo é evidenciar as possibilidades de pesquisa nos estudos sobre a chamada Idade Média pela perspectiva da História Global a partir de alguns exemplos de estudos já desenvolvidos desde o final da década de 1980, como a obra de Janet L. Abu-Lughod, passando por exemplos mais atuais como os de Catherine Holmes, Noemi Standen, Michael Borgolte e Natalie Davis, e apresentando algumas pesquisas e grupos no Brasil que, de alguma forma, já abordam uma perspectiva de História Medieval conectada. Não se propõe um inventário de todas as pesquisas desenvolvidas na área, pois o objetivo é indicar algumas direções epistemológicas. Aponta-se para alternativas que consideram as contribuições desenvolvida a partir da experiência historiográfica não-europeia - por tanto tempo tratada como subalterna. Dessa forma, assim como Dipesh Chakrabarty propôs provincializar a Europa e Sanjay Seth provincializar a conceito de razão ocidental, este ensaio evoca nossa responsabilidade - enquanto medievalistas sul-americanos - em provincializar/descolonizar o conceito de Idade Média, desapropriando-o dos regionalismos europeus e reintegrando-o à história do mundo. Por fim, serão tecidas considerações sobre o possível alinhamento da perspectiva da História Global, dos estudos subalternos capitaneados pela historiografia indiana, das epistemologias do Sul Global com os estudos medievais no Brasil.

Palavras-chave: História Global pré-moderna; estudo medievais; epistemologias do sul global.

Abstract:

The purpose of this article is to demonstrate possibilities of research in studies about the so-called Middle Ages from the perspective of Global History as of some examples of studies already developed since the late 1980s, such as the work of Janet L. Abu-Lughod, as well through more current examples such as Catherine Holmes, Noemi Standen, Michael Borgolte and Natalie Davis. Also, will be

¹ Professora Associada do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil). Coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais – *Meridianum*. Coordenadora do *presidium* brasileiro da Cátedra da UNESCO Mediterranean Cultural Landscapes and Communities of Knowledge. Contato: aline.d.s@ufsc.br.

approached some research and groups in Brazil that somehow already work with the perspective of connected medieval history. Beyond the examples, will be pointed epistemological alternatives for the research of premodern societies that consider the contributions from the non-European historiography. Thus, just as Dipesh Chakrabarty proposed to provincialize Europe and Sanjay Seth proposed to provincialize the western concept of reason, this essay evokes our responsibility - as South American medievalists - to provincialize / decolonize the concept of the Middle Ages, namely to expropriate it from European regionalism and to reinstate it to world history. At last, will be developed considerations about the possible alignment of the perspective of Global History, of the Subaltern Studies, of the Epistemologies of the Global South with the medieval studies in Brazil.

Keywords: Premodern Global History; Medieval Studies; Southern Epistemologies

Introdução

Em 1989, Janet L. Abu-Lughod publicou um trabalho, no qual evidenciou as conexões comerciais entre os continentes africano, europeu e asiático entre os séculos XIII e XIV, intitulado *Before European Hegemony – the World System A.D. 1250-1350* (1989). A autora baseou criticamente sua análise na teoria sistema-mundo apresentada por Immanuel Wallerstein² a partir da década de 70 do século passado. Essa teoria política e econômica de Wallerstein evidencia a relação moderna de interdependência inter-regional e transnacional em uma divisão de mundo entre países centrais, semiperiféricos e periféricos. A considerar que Wallerstein identificou o início deste processo no século XVI, a inovação de Janet L. Abu-Lughod consiste em demonstrar que a interdependência regional já existia no período anterior ao século XVI, no entanto, sem centros hegemônicos. Por essa perspectiva, a autora afirma que o mundo econômico do século XIII seria fascinante, principalmente, por não apresentar um único centro hegemônico, além de colocar em conexão diferentes regiões continentais que possuíam formas diversas de organização:

O século XIII foi notável de outra maneira. Em região após região, houve uma eflorescência de realizações culturais e artísticas. Nunca antes tantas partes do Velho Mundo atingiram simultaneamente a maturidade cultural. Na China, a mais gloriosa porcelana já produzida, a porcelana celadon da dinastia Sung, estava sendo criada e, na Pérsia, tigelas incandescentes de vidro turquesa constituíam seu único rival. No Egito

² Immanuel Wallerstein escreveu a obra Sistema Mundo em três volume em anos diferentes, abarcando o processo do sistema-mundo moderno em três etapas: Vol. I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century (1974); Vol. II: Mercantilism and the Consolidation of the European World-Economy, 1600-1750 (1980); Vol. III: The Second Great Expansion of the Capitalist World-Economy, 1730-1840's (1989).

mameluco, os artesãos criavam móveis elaborados com arabescos complexos em prata e ouro e, na Europa ocidental, a construção de catedrais atingiu seu ápice. O vitral adornado com pedras preciosas de Saint Chapelle de Paris foi construído em meados do século XIII, pouco antes de St. Louis partir na cruzada. Os grandes complexos de templos hindus do sul da Índia chegaram ao clímax ao mesmo tempo. (...) Essas duas qualidades do século XIII, aumento da integração econômica e da eflorescência cultural, não foram independentes uma da outra. As inovações tecnológicas e sociais produziram excedentes, que foram, por sua vez, comercializados internacionalmente para posterior intensidade do desenvolvimento. (Abu-Lughod, 1989:4)³

A contribuição de Janet Abu-Lughod para um desdobramento da teoria do sistema-mundo constituiu na exaustiva e fascinante demonstração de que a interdependência entre regiões do mundo já ocorria de forma variada antes do século XVI, data inicial do processo que resultou no sistema-mundial moderno atual, postulada por Wallerstein. Janet Abu-Lughod evidencia que as práticas desenvolvidas a partir da inter-relação regional pré-moderna formaram os fundamentos que possibilitaram o desenvolvimento da nova ordem mundial do século XVI, na qual a Europa assumiria a hegemonia da maior parte do mundo por quinhentos anos (Abu-Lughod, 1989:4). A autora demonstrou que as características dos sistemas-mundo não são invariáveis e que não existe um único caminho para as partes desses sistemas serem organizadas (Abu-Lughod, 1989: 6).

Uma característica, entre muitas outras, que chama a atenção de um medievalista nesta obra é a não utilização do termo medieval. A autora refere-se ao tempo em séculos, não em idades ou eras. Essa escolha nos leva a uma questão tanto política como historiográfica: por que desvincular o período e o tema estudado da qualidade de medieval? É surpreendente como trabalhos, até mesmo mais recentes, que se ocupam de uma história de conexão entre espaços mais abrangentes, continuam a considerar a História Medieval como uma história da Europa cristã e com poucas possibilidades para a análise de perspectiva global⁴. Isso evidencia como a definição da História Medieval ainda é mundialmente colonizada pelo eurocentrismo. Mesmo que a crítica à perspectiva eurocêntrica tenha alcançado

³ Traduzido pela autora a partir do seguinte trecho: “*The thirteenth century was remarkable in another way. In region after region there was an efflorescence of cultural and artistic achievement. Never before had so many parts of the Old World simultaneously reached cultural maturity. In China, the most glorious pottery ever produced, sung celadon ware, was being created, and in Persia glowing turquoise-glazed bowls constituted the only serious rival. In Mamluk Egypt, craftsmen were fashioning elaborate furniture inlaid with complex arabesques of silver and gold, and in western Europe, cathedral building reached its apex. The gem-like stained glass window adorned Saint Chapelle of Paris was built in mid-thirteenth century, just before St. Louis departed on crusade. The great Hindu temple complexes of south India climaxed at the same time. (...) These two qualities of the thirteenth century, increased economic integration and cultural efflorescence, were not unrelated. Technological and social innovations produced surpluses, which were, in turn, traded internationally to further intensity development.*”. Cf. Janet Abu-Lughod, 1989: 4.

⁴ Como no caso do trabalho de Sandra Kuntz Ficker. (2014) e Sebastian Conrad (2016), os quais serão abordados nas próximas páginas deste artigo.

sua legitimidade no pós-Segunda Guerra Mundial com o movimento de descolonização da África, o debate para a descolonização europeia do conceito de Idade Média ainda é tímido.

Persistente a falta de perspectiva de longa duração dos fenômenos sociais e a compartimentação da história da mesma forma desde o século XVII. Ou seja, como os eruditos europeus⁵ daquele século o fizeram, ao dividirem a história em Antiga, Média e Moderna. Esta perspectiva compartimentada se mantém até nossos dias com as imagens iluministas de um período estático e fechado. Trevas em oposição à luz. Como uma ruptura entre a “áurea” Antiguidade greco-romana e a razão progressista e cientificista. Essas imagens persistem, talvez porque, como explica Baschet, “ainda vivemos num mundo, ao qual eles deram forma, pois sua visão de Idade Média continua a exercer o papel de lugar-comum” (Baschet, 2006: 26).

Na década de 90 do século passado, o filósofo francês Alain De Libera denunciou essa perspectiva quando se referiu aos historiadores da filosofia medieval:

(...) como se o historiador adotasse espontaneamente, a respeito dos romanos do Oriente, o ponto de vista de um romano do Ocidente (...) No fundo, a visão de Idade Média confunde-se com o que é chamado de “Ocidente Cristão”, ela está nela centrado, e o que não é, simultaneamente, ocidental e cristão é posto à margem, considerado apêndice exótico, sem legitimidade própria. O fenômeno tem duas consequências perversas: a dificuldade de admitir os cristãos orientais e a igual dificuldade em aceitar os ocidentais não cristãos. Dessa forma, a Idade Média é confiscada em proveito de um só grupo: os ocidentais cristãos ou cristãos ocidentais. (De Libera, 1998:12)

A partir desta crítica, De Libera propôs, em sua obra, entender a filosofia medieval dentro da perspectiva da *translatio studiorum*, ou seja, do movimento fluído do conhecimento por meio de obras e agentes do saber pelas rotas de comércio, mercados, cortes, universidades, madrassas⁶ e escolas de tradução na era pré-moderna. Assim como Janet Abu-Lughod, Alain De Libera percebe o espaço afroeuroasiático⁷ como integrado e conectado em sua diversidade, onde integrado significa que só seria possível compreender amplamente um fenômeno histórico de uma região, quando se tivesse em perspectiva as interações, conectividades e interdependência entre as demais regiões.

⁵ Como Gisbertus Voetius (1589-1676) e Georgius Hornius (1620-1670).

⁶ Escolas muçulmanas especializadas no ensino da religião e do direito.

⁷ Esse é um termo que vem sendo utilizado por diversos trabalhos de pesquisas que utilizam a perspectiva global, mas o escutei pela primeira vez na fala de um colega, Alex Degan, professor do departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina e gostaria de lhe agradecer pela inspiração.

Diante desses dois exemplos historiográficos da virada da década de oitenta para a década de noventa, a proposta deste artigo é evidenciar as possibilidades de pesquisa nos estudos sobre a chamada Idade Média pela perspectiva da História Global a partir de alguns exemplos de estudos já desenvolvidos, bem como propor alternativas para a pesquisa de sociedades pré-modernas que considere a contribuição epistemológica desenvolvida a partir da experiência historiográfica não europeia, por tanto tempo tratada como subalterna. Dessa forma, assim como Dipesh Chakrabarty (2000) propôs provincializar a Europa e Sanjay Seth (2013) provincializar a conceito de razão ocidental, este ensaio pretende evocar nossa responsabilidade - enquanto medievalistas sul-americanos - em provincializar/descolonizar⁸ o conceito de Idade Média, desapropriá-lo dos regionalismos europeus e reintegrá-lo à história do mundo. Para tanto, serão tecidas considerações sobre o possível alinhamento da perspectiva da História Global, dos estudos subalternos capitaneados pela historiografia indiana, das epistemologias do sul global com os estudos medievais no Brasil.

História Global e a questão medieval

A História Global é uma perspectiva historiográfica que busca um olhar mais amplo e complexo, abrangendo diversas metodologias. Sobre seu campo podemos falar que ele é vasto, com diferentes fases e desdobramentos. Felizmente, muito trabalhos foram escritos nos últimos anos, na tentativa de definir melhor o desenvolvimento, possibilidades, limites e perspectivas do campo. Entre esses trabalhos está o de João Júlio Gomes dos Santos Junior no artigo *História global: um empreendimento intelectual em curso* (2017). Neste artigo, o autor propõe-se fazer uma análise do desenvolvimento da História Global desde sua antepassada, a história comparada de Henri Pirenne e Marc Bloch até o ano de 2017. Segundo o autor, a História Global aparece como proposta historiográfica nos anos 70 com Immanuel Wallerstein e a teoria do sistema-mundo, como uma crítica à política intervencionista de guerra fria dos Estados Unidos (Santos Jr., 2017: 486). Porém, a partir dos anos 90, os estudos Atlânticos tomam a frente do refletir sobre uma perspectiva global, mas ainda restringe temporalmente, excluindo a história das Américas anterior ao século XV. Os estudos globais recentes se ressignificaram com as críticas e análises dos estudos subalternos, orientados, primeiramente, pela historiografia indiana, em uma tentativa de romper com o nacionalismo e eurocentrismo, provincializando a Europa e reivindicando um olhar descentralizado. O autor afirma que

⁸ Descolonizar o ensino de História Medieval é uma proposta apresentada pelo medievalista e africanista José Rivair Macedo (2003).

Seja qual for a abordagem escolhida (conectada, comparada, global, mundial, transnacional etc.), o mais importante é superar o nacionalismo metodológico, assim como as abordagens exclusivamente eurocêntricas/ocidentais. Para tanto, são necessários diversos cuidados metodológicos, desde a escolha do recorte espacial e temporal até o acesso a fontes primárias, ou então o investimento linguístico. (Santos Jr., 2017:499)

Uma interpretação que podemos depreender da análise da fase atual da História Global alinhada com os estudos subalterno é que a reivindicação pela consideração das epistemologias não hegemônicas, e por uma perspectiva não centralizada, mas interconectada, é também um desdobramento da crítica ao eurocentrismo e ao conceito hegemônico de razão ocidental.

Uma das maiores referências na atualidade, que oferece um panorama das possibilidades de trabalhar a perspectiva da História Global, é a obra de Sebastian Conrad *What is Global History?* (2016). O autor distingue de forma simplificada três tipos de História Global desenvolvidos nas últimas décadas: História global como história de qualquer coisa, história de conexões e história baseada no conceito de interação. Também segundo o autor, “É a terceira abordagem que detém a maior promessa para o mundo de historiadores que pretendem ir além dos gestos simbólicos para a conectividade” (Conrad, 2016:6). O elemento comum dessas análises é a percepção geral de que nenhuma sociedade, nação ou civilização existe isoladamente. Desde os primeiros tempos, a vida humana no planeta foi caracterizada pela mobilidade e interação (Conrad, 2016:9).

Nos estudos recentes de História Global, é incorporada a preocupação não só com a escala espacial, mas com as camadas temporais em jogo na análise, junto às ideias de conexão e interação das histórias - mesmo que divergentes. Pois, há um despertar do olhar para a experiência de tempo dos agentes envolvidos no processo, ou seja, a historicidade¹⁰, e esse olhar é ainda maior que a preocupação de conter a pesquisa em um período limitado. Muitas vezes, as análises se situam em extremidades opostas de escala de tempo, enfocando as maiores, bem como as mais curtas extensões temporais possíveis. Como ressalta Conrad, em um extremo do espectro, historiadores começaram a cobrir toda a história humana (e até mais) num

⁹ Em 2019, foi lançada uma edição em português, a qual ainda não tive acesso: CONRAD, Sebastian. *O que é a História Global?* Lisboa: Edições 70, 2019.

¹⁰ Aqui, remeto-me ao conceito heideggeriano de historicidade enquanto experiência espaço-temporal do ser e compartilhada com uma coletividade, que entre muitos filósofos e historiadores influenciou os trabalhos de Reinhart Kosellek (2012), Jörn Rüsen (2010); Ulrich Gumbrecht (2010). Ver também Aline Dias da Silveira (2016b).

quadro coerente. No outro extremo, a noção de sincronicidade¹¹ surgiu como uma percepção característica que desafia noções de tempo de desenvolvimento (Conrad, 2016:142). No entanto, essas escalas não precisam estar em extremos, mas, preferencialmente, devem se complementar nas análises. Pois, prestar atenção aos fatores sincrônicos e às relações no espaço não significa, obviamente, ignorar a dimensão diacrônica da história. A questão de como negociar o impacto das estruturas sincrônicas, por um lado, e a continuidade, por outro, continua sendo uma preocupação crucial de todas as explorações da História Global (Conrad, 2016:151). Por essa via, da mesma forma que se presta atenção na sincronicidade de situações em diferentes espaços, a História Global torna-se testemunha do retorno da perspectiva da longa duração de fenômenos, que conectam esses diferentes espaços, como migrações e rotas de comércio transcontinentais, ao longo das quais inúmeros entrelaçamentos e fusões culturais ocorreram.

De diversas formas, essas reflexões sobre experiência de tempo e temporalidades articulam-se com os estudos subalternos indianos pelo caminho da contestação de uma razão científica única, impositiva e excludente. Sebastian Conrad relaciona a proposta descentralizadora da História Global das duas últimas décadas com o movimento de “provincialização” da Europa (“*provincializing Europa*”) proposta pelo indiano Dipesh Chakrabarty (2000): “Depois de provincializar a Europa, o chamado agora é provincializar a modernidade, para estender o tempo de volta para o passado mais remoto, e para libertar o tempo histórico da teleologia do moderno” (Conrad, 2016:143). Isso também significa entender o tempo de Shiva, o Senhor da Dança, como propõe outro indiano, Sanjay Seth (2013), e colocar esse deus hindu a dançar com Clio, ou seja, sem desconsiderar a tradição ocidental, conciliá-la com outras experiências de tempo. Desta forma, a História Global escrita no século XXI, tenta romper com a hegemonia do pensamento ocidental em seu cerne, movimentando-se pendularmente do econômico para as mentalidades, com forte olhar antropológico e preocupação epistemológica.

Sobre a medievalística, Sebastian Conrad parece ainda identificá-la com a história nacional, provavelmente, porque seu olhar está voltado para trabalhos europeus de cunho regionalista. E, alerta:

Um novo arranjo na história global pode significar o sacrifício da posição da História Medieval ou de algum outro campo consagrado, por ter seu

¹¹ Neste contexto, sincronicidade é um termo pensado para definir fenômenos históricos que ocorrem em períodos próximos ou simultâneos e de significado aproximado, mas que não possuem, necessariamente, uma relação de causa.

período relacionado ao passado nacional. A história global tem um custo¹².

O autor não desenvolve essa afirmação com mais detalhes sobre o que ele definiria como sacrifício: se o conceito de História Medieval, repensado pela perspectiva da História Global, deixaria de ser um campo consagrado, pois não atenderia mais à agenda da história nacional das regiões europeias, ou se, simplesmente, não haveria espaço na História Medieval para uma perspectiva global. No entanto, podemos perceber algumas contradições do autor em relação aos estudos medievais que poderiam explicar a afirmação acima. Quando Conrad desenvolve um esquema de seis características principais que constituiriam as pesquisas em História Global, ressaltando sempre que as evidências de conexões, trocas e transferências não são o suficiente para os estudos de História Global, ele foca, principalmente, em exemplos modernos para atender a essas seis características. Ele enfatiza que seria essencial compreender primeiro as condições, que teriam levado às transformações estruturais básicas e, conseqüentemente, que teriam tornado as conexões e trocas possíveis, antes de procurar entender as conexões em si mesmas (p. 69-70). No entanto, se seriam as condições que deveriam estar em primeiro plano, é exatamente as condições estruturais da época medieval no espaço afroeuroasiático que possibilitaram o alargamento espacial das conexões e as transformações contundentes que figuraram a modernidade.

Mais adiante, quando o autor desenvolve sobre os espaços transnacionais, não pode deixar de comentar tendências nos estudos medievais. Ele lembra que há estudos que analisam as maneiras pelas quais a Europa foi moldada por suas conexões com outras partes do mundo, através da Rota da Seda, por exemplo. E, afirma que esses trabalhos mostrariam que a história europeia não poderia ser entendida como autogerada, mas que teria sido impactada por seus muitos entrelaçamentos (p. 191). Essas poucas referências aos estudos medievais mostram a visão ainda eurocentrada de Sebastian Conrad, que ainda coloca a Europa no centro da história do período medieval, mesmo que menos autossuficiente.

De qualquer forma, esta falta de interesse e visão para os infinitos entrelaçamentos, interações e integrações no período medieval é, no mínimo, surpreendente e, como evidenciado acima, contraditório.

Outro trabalho que desconsidera a medievalística por uma perspectiva global é o de Sandra Kuntz Ficker, *Mundial, transnacional, global: um exercício de clarificación conceptual de los estudios globales* (2014), no qual a autora se propõe apresentar “os resultados de uma breve exploração sobre os estudos genericamente designados

¹² Traduzido pela autora a partir do trecho: “A new hire in global history might mean sacrificing a position in medieval history or in some other time-honored field related to the national past. Global history comes at a cost”. Cf.: Sebastian Conrad., 2016: 15.

como globais” (Ficker, 2014:2). Seu propósito é oferecer uma tipologia básica que permita distinguir entre o que ela chama de “ramos” dentro deste novo gênero historiográfico. No entanto, mesmo tendo a proposta metodológica de Braudel como marco para pensar a perspectiva global da história, a análise da autora considera como “não apropriado” o enfoque de história global para o estudo dos senhorios feudais na Europa medieval: “Assim, por exemplo, uma abordagem de história global não seria o mais adequada para estudar os senhorios feudais na Europa Medieval (que, no entanto, poderia ser abordada com uma perspectiva transnacional)”(Ficker, 2014:2)¹³. Depois de trabalhos como o de Henri Pirenne (2010), Fernand Braudel (1984) e a já mencionada obra de Janet L. Abu-Lughod, é impressionante como a forma petrificada de entender a História Medieval como uma história propriamente europeia, isolada dos outros três continentes persiste. Isso indica que o “infame programa do nacionalismo [europeu] ainda está vivo”, como diria Patrick J. Geary (2005: 16). Mesmo que de forma inconsciente, para a maioria dos historiadores não-europeus, essa perspectiva ainda parece ser, infelizmente, um consenso.

Por que esses autores consideram a História Medieval como história europeia e não como uma história do mundo, mesmo apontando para a alternativa de uma história interdependente e integrada, não conseguem olhar para o período medieval de outra forma que não seja como a história da Europa? O problema aqui parece evidente: uma interpretação da história da Europa, da África e da Ásia que não considere as já conhecidas, conexões, interações, afetações e fusões é uma interpretação fragmentada, parcial e que silencia o movimento real de interdependência, mescla e transformação das culturas. Essa é uma História Medieval fragmentada e regionalista que tanto serviu à propaganda regionalista como àquela de uma Europa culturalmente homogênea¹⁴. Esse é um modelo de narrativa histórica que nós, medievalista brasileiros, ainda seguimos com poucas críticas, mais preocupados com a legitimação entre os pares europeus que com a possibilidade de apresentarmos novas alternativas.

História Medieval em interações e entrelaçamentos transculturais

Em 2012, o projeto *Definindo a Idade Média Global*¹⁵ obteve o financiamento do Conselho de Pesquisa de Artes e Humanidades do Reino Unido (AHRC) para criar

¹³Tradução da autora a partir do trecho “*Así, por ejemplo, un enfoque de historia global no sería el más apropiado para estudiar los señoríos feudales en la Europa medieval (que, en cambio, sí podrían abordarse con una perspectiva transnacional)*”. Cf., Sandra Kuntz Ficker, 2014: 12.

¹⁴ Aqui refiro-me criticamente às duas obras de Jacques Le Goff: *As Raízes Medievais da Europa* (2007) e *Uma Breve História da Europa* (2008).

¹⁵ Site da rede: <globalmiddleages.history.ox.ac.uk>, acesso 11/08/2019.

uma rede de trinta e três estudiosos, cada um com diferentes especialidades regionais, os quais deveriam investigar a questão: O que seria “global” na Idade Média?¹⁶. O projeto apresenta a seguinte premissa:

A aplicação inquestionável de teorias e modelos de outros contextos pode de fato ocluir e distorcer globalidades medievais, particularmente a tensão criativa entre o local e o global. Ao invés de confiar em estruturas interpretativas de outros períodos históricos, queríamos analisar o global como foi experimentado na Idade Média. (Defining the global Middle Ages: <https://global.history.ox.ac.uk/defining-the-global-middle-ages>, acesso 11/08/2019)¹⁷

A página do projeto coloca ainda que a procura de uma Idade Média global que faça sentido nos seus próprios termos não seria um purismo. Ao invés disso, trabalharia o escopo, os limites e a natureza do global entre os séculos VI e XVI, período que foi caracterizado por múltiplos centros, fronteiras porosas e sociedades plurais. Seriam examinados contextos que ressoam de forma impressionante com a crescente descentralizada e interconectada comunidade global do século XXI¹⁸.

No artigo escrito pelas coordenadoras do projeto, Catherine Holmes e Noemi Standen, também sob o título “*Defining the global Middle Ages*” (2015), as autoras defendem que a Idade Média é um período que por suas especificidades pode trazer novos elementos aos debates sobre História Global, sem tomar emprestado unicamente estruturas interpretativas utilizadas para outros períodos. Elas acreditam que a chave está em entender como o global era experienciado na Idade Média (2015:106). As autoras, depois dos workshops do grupo de pesquisa, acabaram por alargar a História Medieval Global até aos limites espaciais da África, Ásia e o continente Americano. Criticamente, elas consideram que medievalistas ainda precisam estabelecer as definições mais básicas do que pode estar envolvido através do olhar global sobre a Idade Média. Ainda teríamos que decidir o que a Idade Média pode ou deve significar num contexto global, ou até que ponto a presumível variação cronológica de 300 a 1600 é medieval em qualquer parte do mundo para além da Europa (2015:107). Por essa via, a periodização inicial acaba se adaptando a cada tema abordado pelo projeto, os quais seriam império, religião, divergências, networks e recursos materiais e imateriais. Com essas considerações, as três principais linhas orientadoras do projeto são:

¹⁶ < <https://global.history.ox.ac.uk/defining-the-global-middle-ages>>, acesso: 11/08/2019.

¹⁷ Traduzido pela autora a partir do trecho: “Unquestioning application of theories and models from other contexts may indeed occlude and distort medieval globalisms, particularly the creative tension between the local and the global. Rather than relying on interpretative frameworks from other historical periods we wanted to analyse the global as it was experienced in the Middle.”, cf. <https://global.history.ox.ac.uk/defining-the-global-middle-ages>, acesso 11/08/2019.

¹⁸ <http://globalmiddleages.history.ox.ac.uk/>, acesso 11/08/2019.

- a) A inclusão da África e das Américas. Holmes e Standen afirmam que buscam ativamente integrar a África e as Américas em seus próprios termos, e que se esforçam para aproveitar as perspectivas do estudo dessas regiões do mundo em suas considerações.
- b) Pretendem analisar o global como foi vivenciado na própria Idade Média. Isso significa que embora prestem atenção às evidências materiais e escritas, as transações internacionais de luxo não são suas principais preocupações. Ao invés disso, buscam contextos não elitistas e se concentram no regional e local como partida e chegada dos estudos.
- c) Consideram especificidades temporais e cronológicas do local. Não começam a partir de teorias sobre processos e fenômenos globais e depois procuram estudos de casos regionais, mas sim começam pela expertise regional e depois procuram estabelecer o que pode ser global em situações locais. Ao abordar esses objetos, geraram questões, análises e teorias advindas dos entendimentos do mundo pré-moderno e que podem oferecer novas abordagens para períodos posteriores e anteriores. (2015:107)

Como podemos atestar com as propostas de Holmes e Standen, estamos no momento de provincializar a modernidade ocidental que serviu ao colonialismo e ao imperialismo “moderno”, é exatamente na Idade Média que encontraremos momentos e lugares onde a curva foi feita em direção a essa modernidade. A partir dos estudos medievais, é possível levantar questões como: quais seriam os elementos de transformação e formação de uma sociedade na passagem para essa modernidade? A quais interesses serviram essas transformações, rupturas e continuidades? As respostas a essas perguntas estão em cada pesquisa que se permite provincializar os referenciais de teorias evolucionistas e hierárquicas, as quais perderam significado diante do olhar mais complexo das relações mundiais. A História Global medieval possui dimensões próprias e não está submetida às especificações espaciais, como as conhecemos hoje. Ou seja, o fato de as interações entre os três continentes no medievo não incluírem o continente Americano, não faz as relações afroeuroasiáticas constituírem-se menos globais.

Entre outros exemplos, podemos contar ainda com o do historiador estadunidense Jerry H. Bentley, um dos pioneiros da New World History. Este pesquisador sugere uma História Global da interação transcultural, “cross-cultural interaction”, que abarque também períodos mais antigos na história (de fato em quaisquer períodos), apontando temas que mais se aproximariam desta perspectiva como expansão imperial, relações comerciais, movimentos migratórios. No Artigo “Cross-Cultural Interaction in the Periodization in World History, Jerry H. Bentley propõe inclusive uma nova periodização que não seja baseada na experiência

Europeia, mas considere aqueles fenômenos que têm a interação humana em evidência como a migração e as relações comerciais:

Na medida em que a migração em massa, a expansão imperial e o comércio de longa distância engajaram povos de sociedades diferentes em interações interculturais significativas, essas interações poderiam servir de base para a periodização da história mundial tanto nos tempos pré-modernos quanto nos tempos modernos. (Bentley, 1996:754)

O historiador alemão Michael Borgolte considera positiva a proposta de Bentley, no entanto, propõe uma alternativa que complementa aquela apresentada pelo autor americano, através da reflexão sobre o conceito de transculturalidade apresentado pelo filósofo alemão Wolfgang Welsch na obra *Transkulturalität. Zwischen Globalisierung und Partikularisierung* (Welsch, 2000). Esse filósofo afirma que o tradicional conceito de cultura da modernidade não é mais válido, no entanto, este conceito, de certa forma, teria sobrevivido nos conceitos de interculturalidade ou multiculturalidade, pois ainda estão pressupostos nesses a identificação de culturas separadas que interagem ou convivem. Em contrapartida, o conceito mais adequado para falar de culturas seria, então, o da transculturalidade. A velha integração ou separação das culturas deveria ser substituída pelo entendimento do enredamento ou entrelaçamento. Mesmo que Welsch não remeta suas reflexões para tempos mais antigos, o seu conceito de Transculturalidade aliado ao de Bentley são indubitavelmente apropriados para a Idade Média. Os novos estudos sobre o medieval não consideram (ou não deveriam considerar) mais a ideia de civilizações, a não ser para estudos metodologicamente heurísticos, mas que em nenhuma hipótese poderiam ser entendidos por uma perspectiva ontológica. Pela perspectiva da transculturalidade não existe cultura pura, todas são híbridas, nas quais diferentes elementos, de origens quase sempre dificilmente identificáveis, misturam-se, formando algo novo.

O termo “entrelaçamentos transculturais” (*transkulturelle Verflechtungen*) (Borgolte; Tischler (orgs.), 2012). surgiu nos estudos medievais alemães a partir da experiência interdisciplinar do programa “Integração e Desintegração na Idade Média Europeia” (*Integration und Desintegration im europäischen Mittelalter*), desenvolvido entre os anos 2005 e 2011. Diante do problema de lidar com modelos teóricos de grande escala e, ao mesmo tempo, com problemas práticos de pequena escala no jogo analítico da macro e microanálise, apresenta-se uma alternativa que pode balancear entre sistemas culturais abrangentes e o modo de sua efetivação, ou não, em espaços menores. Por exemplo, favorecendo análises comparativas mais específicas que selecionam elementos de um fenômeno macro de trocas e transformações em um local e espaço de pequena escala, como sugere Matthias M. Tischler no editorial do primeiro número do *Journal of Transcultural Medieval Studies* (2014).

Podemos perceber nesses exemplos que os estudos de História Global referentes à Idade Média instigam medievalistas a repensar tantos os limites espaciais como temporais da Idade Média, porque o olhar historiográfico para as conexões e interações abre infinitas e ilimitadas possibilidades para muito além da Europa. O ritmo das trocas econômicas e culturais numa era pré-industrial deveria renovar nossa percepção dos problemas das múltiplas temporalidades, descontinuidade e fragmentação da História, rompendo com a percepção teleológica.

Por essa perspectiva, Michael Borgolte lembra que a diferença fundamental entre a História Global e a História Universal é que ao contrário de tentar escrever a história de diferentes “civilizações” no mundo, com especial atenção para comparação entre elas, como o fez a História Universal, a História Global prima pelo estudo do contato e as interações entre as culturas. Fazer uma História Universal da Idade Média seria compartimentar e estudar separadamente ou em comparação, por exemplo, a cristandade latina europeia e o mundo muçulmano do mesmo período. Por outro lado, uma História Global tentaria identificar, para além de paralelos, os pontos de intersecção, fusão, assimilação, rechaço e, a partir destas relações, a formação de novos elementos (Borgolte, 2014: 428). Essa perspectiva parece aproximar-se muito mais da experiência humana, distendendo o olhar do subjetivo à coletividade e por isso, tornando-o mais complexo. Estamos falando de um momento na história da África, da Ásia e Europa de muitas fronteiras porosas, mas nenhuma delas é nacional - só por esse fato, o estudo da Idade Média se torna instigante pelo exercício de entender um mundo sem a ideia do nacional.

Outra interessante proposta de análise é apresentada por Natalie Zemon Davis no *Forum Holberg Prize Symposium Doing Decentered History* em 2010. Nessa oportunidade, a historiadora canadense manifestou algumas inquietações e considerações sobre a História Global e apresentou sugestões dentro desta perspectiva (Davis, 2010). Duas questões colocadas por Davis parecem pertinentes para o presente artigo: suas críticas a uma história global ocidental e eurocêntrica e os exemplos de análises de uma história descentralizada que a historiadora apresenta como proposta na análise comparativa entre Christine de Pizan e Ibn Khaldun. Mais especificamente, sua crítica à História Global acompanha o movimento de autocrítica de outros historiadores em relação a seus próprios trabalhos, como coloca Davis. Apesar da concomitância de múltiplas modernidades, críticas e autocríticas apontam para as seguintes questões: se nos estudos de História Global as categorias, realmente, não permaneceram ocidentais e eurocêntricas, e se os temas sociais e de gênero teriam sido ignorados nas descrições de grande escala e análises comparativas entre “civilizações” e comércio imperial. Davis pergunta ainda, se a história global seria apenas mais outra forma de contar o passado num mundo global (Davis, 2010: 191-192)¹⁹. Após estas considerações, ela parte para sua

¹⁹ Cf. Natalie Zemon Davis, 2010: 191-192: “And yet, despite its commitment to multiple modernities, questions have been raised about the new global history—including by some of its own practitioners — about whether its historical agenda and

proposta de demonstrar como uma “*local storytelling*” pode servir ao programa global e se utiliza do exemplo das transformações de seu próprio olhar sobre as fontes desde o início de sua carreira. Antes, ela não havia percebido como essas fontes poderiam encaixar-se em suas perspectivas de análise, no entanto, nos dias atuais, os escritos de Christine de Pizan e Ibn Kaldun parecem fazer todo o sentido para uma História Global descentralizada, por estarem ligados tanto a fenômenos locais como globais por meio de inter-relações e intersecções. Essas fontes são a *Cidade das Damas* (Pizan, 2012) de Christine de Pizan e a obra *Muqaddima* de Ibn Khaldun (Khaldun, 1958-1960). Não desenvolverei aqui a análise de Natalie Davis, apenas gostaria de ressaltar, na proposta da historiadora, a possibilidade e importância de que, se por um lado, a perspectiva global, no sentido de histórias entrelaçadas e interconectadas, pode e deve ser considerada pela medievalística para que ocorra o rompimento com uma história eurocêntrica, por outro lado, também a História Global tem, nas mais variadas fontes medievais, a possibilidade de romper com o pensamento cientificista, evolucionista e hierárquico do século XIX, herdado por nós.

O olhar não europeu sobre a Idade Média: possibilidades e propostas

A questão trazida por Natalie Davis, se os temas sociais têm sido ignorados nas descrições de grande escala, corresponde a uma tendência da História Global nos anos 80 e 90. A resposta a essa indagação figurou-se expressiva e contundente nos chamados estudos subalternos, os quais influenciam o olhar e a pesquisa em História Global nas últimas duas décadas. Essa proposta epistemológica surgiu - também enquanto denúncia - na Índia da década de 80 na obra de Ranajit Guha que editou *Subaltern Studies I-VI* (1982-89)²⁰. Ranajit Guha e Gayatri Chakravorty Spivak utilizaram o termo “subalterno” para designar grupos marginalizados, que não possuem voz ou representatividade em função de uma lógica hierárquica e excludente da sociedade, tanto em termos de classe, como de casta, idade, gênero e trabalho. A principal causa moderna das desigualdades e exclusões estaria no colonialismo e imperialismo ocidental, que têm sua legitimação fundamentada na razão e cientificismo ocidental do século XVII, ao ponto de as regiões colonizadas só serem escutadas quando utilizam os mesmos aportes de pensamento e linguagem. Ou seja, mesmo o subalterno cientista não tem voz própria.

categories are still just Western and Eurocentric, about whether the sharp edges of social history and gender history are being ignored in the descriptions of large-scale interactions among civilizations, trading empires, and species. Is 'global history' the only form suitable for recounting the past in a globalized world?'

²⁰ Sobre uma introdução panorâmica sobre os estudos subalterno sugiro a leitura do artigo de Carlos Vinícius da Silva Figueiredo (2010: 83-92).

Na linha de pensamentos dos estudos subalternos, encontramos o interessante artigo de Seth Sanjay, *Razão ou Raciocínio? Clío ou Shiva?* (2013). Nesse trabalho, o autor traz a reflexão sobre a consideração científica da existência e legitimidade de diversas formas de raciocínios, ao invés de uma única razão hegemônica. Pois, a aplicação desta razão histórica (construída no ocidente do século XIX) a outras sociedades seria uma atitude imperialista. Sanjay fala especificamente sobre do conceito de História e parece defender um entendimento que se aproxima mais do conceito de historicidade heideggeriano, mas tem, principalmente, seus aportes na própria experiência indiana, na forma narrativa *itihāsa*, como explica Ranajit Guha (2002). Fiel à etimologia, *itihāsa*, teria o passado como sua essência, mas um passado que não é ancorado a uma experiência em particular (Guha, 2002:62). Pois, com o foco naqueles que escutam a narrativa, *itihāsa* é uma experiência compartilhada a cada vez que é recontada.

Por essa via, Sanjay afirma que a questão da história não deveria ser “que maneira de representar o passado é ou não verdadeira?”, mas “como os povos constituem diferentes relações com a noção de passado?”. Dessa forma, “o mito e o épico já não aparecem como instâncias de deturpação da própria história (...), e sim como outras maneiras de construir o próprio passado e a própria relação atual com o passado” (Seth, 2013:186).

O autor exorta a reconhecermos o provincianismo de nossas categorias de análise, de forma a reconhecermos também que a historicidade tem uma história. A considerar esse convite, a própria experiência medieval de tempo seria também um fenômeno histórico a ser estudado (Franklin: 1963: p. 18, *Apud* SETH, 2013, p. 184). A proposta de Sanjay vem ao encontro das perspectivas apresentadas anteriormente pelas historiadoras Catherine Holmens, Noemi Standen e Natalie Zenon Davis sobre a descentralização do olhar e dos conceitos:

Pluralizar a razão não significa abandonar o raciocínio; negar que existe um ponto arquimédico, a partir do qual é possível exercer a crítica, não é defender o fim da crítica. Mas é, sim, defender uma reconsideração daquilo que pensamos estar fazendo quando reescrevemos o(s) passado(s) dos povos em termos que lhes são alheios. (Seth, 2013:187)

Medievalistas são levados a exercer um constante exercício de alteridade em seus estudos, sendo o exercício mais exaustivo o da alteridade de tempo. Não só a distância temporal de séculos e das especificidades de uma sociedade pré-moderna, mas também a própria percepção de tempo, que acaba por definir as práticas e percepções de mundo daquela época associada à noção de espaço. O desafio que a História Global - em sua versão atual - nos coloca é o de estar frente a frente com o princípio da descentralização: não é somente a mudança do olhar para uma teia de conexões, mas também uma descentralização epistemológica. Para tanto, precisamos

olhar para nossa própria experiência enquanto intelectuais sul-americanos. Essa é a proposta essencial deste artigo.

A aproximação entre as perspectivas apresentadas acima, certamente, não ocorre ao acaso. Pois, o olhar do medievalista, há muito tempo, exige uma alteridade antropológica de entender e reconhecer legitimamente outra racionalidade daquela que vivemos, mas que, intrigantemente, nos parece tão familiar (Schuback, 2000). Com a perspectiva e aportes teóricos desenvolvidos pela pesquisa em História Global, as conexões e as interações entre diversas racionalidades multiplicam-se, fazendo descortinar-se diante de nossos olhos o desenvolvimento de novas percepções. No entanto, não em uma forma retilínea, mas em uma grande teia de fluxo multidirecional. O próprio conceito de História Global não precisa ser aquele definido pela historiografia norte-americana e europeia.

Em crítica às formas eurocêntricas de buscar a origem de uma escrita global da história, o indiano Sanjay Subrahmanyam denuncia a visão parcial da historiografia ocidental contemporânea, que parece cega frente às experiências do passado não-cristão medieval e moderno, bem como revela a desconfiança perante um possível modelo baseado apenas em aportes norte-americanos e europeus.

Portanto, não é coincidência que o rápido crescimento nas últimas três décadas dos movimentos pós-coloniais – que são geralmente muito hostis em relação ao iluminismo e à sua herança intelectual e confundem as ideias de Schlözer e Hegel – tenha criado tensão acerca do *status* da história global. (Subrahmanyam, 2017: 236)

Subrahmanyam, que proferiu essas palavras em sua conferência na Aula Inaugural no Collège de France, expõe também o desinteresse dos franceses na comunicação com outras tradições acadêmicas e afirma ironicamente que o “conhecimento exótico, por assim dizer, teve dificuldade de sair da senzala dos desprovidos para a casa grande do conhecimento geral.” (2017: 223). Mesmo que Subrahmanyam considere que apenas no século XVI, com a integração gradual da América com a Eurásia e a África, iniciou uma etapa na transição para uma real “consciência de globalidade”(2017: 233), seus questionamentos e o seu pequeno inventário de crônicas universais medievais não-cristão, nos oferece um vislumbre da ponta do imenso iceberg que pode vir a ser uma história da historiografia global.

Todas essas possibilidades e críticas nos levam à pergunta: qual o lugar dos pesquisadores não europeus da Idade Média? Nosso lugar é no mundo. E, nossa tarefa é a de apresentar nossa própria perspectiva da História e desenvolver teorias alternativas a partir de nossas experiências. Isso está entre as reivindicações das chamadas epistemologias do sul ou epistemologias a partir do sul, que é o movimento epistemológico, assim como os estudos subalternos, que reivindicam a

legitimidade e consideração das pesquisas desenvolvidas nas regiões não hegemônicas, ou seja, aquelas que se localizam, principalmente, ao sul do Equador. Mesmo que o referencial sul não seja geográfico em muitos trabalhos, tornou-se uma alegoria para definir a marginalidade do pensamento em função da hegemonia das teorias do norte-ocidental, ou seja, europeia e estadunidense.

Epistemologias do sul é um conceito desenvolvido inicialmente por Boaventura de Souza Santos em 1995, sendo reelaborado em publicações seguintes e debatido em muitos outros trabalhos como os de Mignolo (2006), Huish (2006), Maldonado-Torres (2006). Em 2009, foi publicada uma coletânea organizada por Boaventura S. Santos e Maria Paula Meneses intitulada *Epistemologias do Sul*, com a colaboração de diversos artigos de intelectuais do chamado Sul Global. Os organizadores da obra partem da premissa que “não há epistemologias neutras e as que reclamam sê-lo são as menos neutras” e de que “importa questionar o impacto do colonialismo e do capitalismo moderno na construção das epistemologias dominantes.” (Santos; Meneses, 2009: 7). É explicado nesta obra que o termo epistemologias do sul é utilizado para designar a “diversidade epistemológica do mundo” O Sul seria entendido metaforicamente como um espaço de desafios epistêmicos, procurando reparar o histórico desprezo do capitalismo na sua relação colonial com o mundo (Santos; Meneses, 2009: 12).

Quanto a nós, sul-americanos, parece-me que a questão seria tomar consciência da riqueza que nosso olhar mestiço de racionalidades híbridas e, por isso, academicamente amplo pode trazer para o debate internacional das ciências humanas. Essa consciência, certamente, não é uma novidade, mas o ponto e o momento nunca foram tão oportunos como agora, pois a revolução das *digital humanities* e as possibilidades de convênios internacionais oferece possibilidades reais para a realização da integração e crítica do conhecimento. A seguir, não se propõe um inventário de todas as pesquisas desenvolvidas na área, o objetivo é indicar algumas direções temáticas e epistemológicas.

Muitos trabalhos da medievalística brasileira podem ser identificados dentro das perspectivas apresentadas acima. No artigo *Algumas experiências, perspectivas e desafios da Medievalística no Brasil frente às demandas atuais* (Silveira, 2016), são apresentados alguns exemplos dessas pesquisas, como aquelas desenvolvidas desde de 2002 no Núcleo de Estudos Mediterrânicos – Nemed²¹, coordenado pelos professores Fátima Regina Fernandes, Marcella Lopes Guimarães e Renan Frighetto, do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Uma obra que expressa o trabalho deste grupo de pesquisa seria o livro *Identidades e Fronteiras no Medievo Ibérico*²². Este livro, escrito em parceria com o grupo

²¹ Mais informações sobre o Núcleo: <http://nemed.he.com.br/>, acesso 12/12/2019.

²²Fátima Regina Fernandes, organizadora da obra, expressa claramente a consciência da importância de seu trabalho: “Vivemos em tempos de globalização, de rompimentos de fronteiras em vários níveis de atividade

de medievalista da Universidade de Lérida (Espanha), marca a originalidade e perspectiva crítica de trabalhos desenvolvidos no Brasil. Outro livro deste núcleo foi publicado recentemente, e intitulado *As mobilidades e as suas formas na Antiguidade Tardia e na Idade Média* (2019), organizado por Renan Frighetto, Gilvan Ventura da Silva e Marcella Lopes Guimarães. Essa obra traz uma coleção de textos de professores de diferentes Universidades Brasileiras sob a proposta de evidenciar o movimento e as conexões na História Medieval, inclusive as conexões afroeuroasiáticas. A obra é dividida em *Mobilidades Urbanas e Religiosas*, *Mobilidades Políticas* e *Mobilidades Culturais*.

O Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais – *Meridianum*²³ da Universidade Federal de Santa Catarina, coordenado pelas professoras Aline Dias da Silveira e Mariana Paolozzi Sérvulo da Cunha, abriga pesquisas que utilizam a perspectiva dos entrelaçamentos transculturais, bem como abordam a relação de diferentes temporalidades e espacialidades a partir de discussões interdisciplinares, principalmente, entre História, Filosofia e Literatura. Tais estudos já resultaram em artigos, dissertações e teses. Em 2018, foi lançado o livro, *Tempo e Espaço: reflexões interdisciplinares sobre o medievo* (Silveira; Paolozzi [orgs.], 2018), o qual traz alguns dos temas pesquisados no núcleo. O grupo integra as pesquisas do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, cuja a área de concentração é História Global.

Outro exemplo de grupo de pesquisa que está investindo na pesquisa de História Global no período medieval é o Laboratório de Estudos Medievais LEME, coordenado pelo professor Marcelo Cândido da Silva da Universidade de São Paulo. Em agosto de 2019, Laboratório promoveu a III Jornada de Estudos Medievais do LEME com o tema História Global, com palestras que discutiram a abordagem da História Global.

Pesquisas desenvolvidas nas décadas passadas no Brasil utilizaram abordagens, hoje, reivindicadas pela História Global. Um exemplo é a pesquisa da professora Carmen Licia Palazzo no artigo *A cultura material na Rota da Seda: fontes para pesquisa em História Medieval* (Palazzo, 2009), no qual apresenta fontes para a análise das trocas ocorridas durante toda a Idade Média, da China até os portos do Mediterrâneo, atravessando a Ásia Central e o Oriente Médio, nos percursos da chamada Rota da Seda. Pelos caminhos da Rota da Seda medieval a historiografia brasileira encontra-se na obra *Viajantes medievais da Rota da Seda – século V-XV*

humana e talvez, por isto mesmo devemos rever este conceito de fronteira a fim de avaliarmos a real dimensão de que ela dispõe ainda hoje, a partir de uma reflexão histórica. Exercício que nos demanda um bom grau de abstração de concepções contemporâneas que poderiam nos arrastar a interpretações anacrônicas desta realidade. Aliás, será muito bom começar por aí, questionando-se até que ponto se trata de uma realidade concreta ou seria apenas uma concepção integral ou parcialmente aceita, e de que modo é percebida por aqueles que nela se inserem”, cf. FERNANDES (2013: 13)

²³ Mais informações sobre o Núcleo: www.meridianum.ufsc.br, acesso 12/12/2019.

(Macedo [org.], 2011), organizada pelo medievalista José Rivair Macedo, que manifesta da consciência acadêmica do Sul frente ao eurocentrismo, como coloca o organizador da obra:

Ao estudar os viajantes medievais da Rota da Seda, temos consciência de que ampliamos nosso próprio ângulo de visão em relação ao conhecimento produzido pelos pesquisadores europeus sobre o mesmo tema. Optamos por uma via diferente daquela carregada de etnocentrismo, que atribui aos “exploradores” e “aventureiros” cristãos medievais uma primazia nas viagens intercontinentais que não tiveram, observando o fenômeno das relações entre viajantes do Velho Mundo numa posição privilegiada: do Novo Mundo, até então desconhecido, podemos ver de longe e avaliar mais equidistante o papel dos viajantes dos três continentes (África, Europa e Ásia) no estabelecimento dos contatados. (Macedo [org.], 2011: 18)

As denúncias e propostas dos estudos subalternos e as reivindicações pelas epistemologias do Sul efetivam-se nas palavras de Macedo e nos trabalhos desenvolvidos no livro organizado por ele. Nessa obra, encontramos também o desafio de trabalhar uma análise que considere a relação entre diferentes dimensões. É inevitável a reconsideração da periodização tradicional da História, bem como dos espaços, “pois o foco direciona-se do Oriente distante ao Mediterrâneo, passando pela África, mesmo que o objeto de estudo seja o intercâmbio intelectual, ou o comércio do marfim africano, ou as missões franciscanas no Oriente” (Silveira, 2016:44). Assumir e experimentar o exercício de uma perspectiva não europeia da história - dentro das limitações e vantagens que nossa posição subequatorial nos permite – consiste em olhar para os fenômenos históricos que tiveram passagem pelas rotas antigas e medievais de forma mais descentralizada, como reivindicam os arautos da História Global na última década. Esse olhar descentralizado é o referencial que nos cabe dentro da perspectiva da História Global e nossa principal contribuição.

Diante de tantas conexões, que imagens nós teríamos em mente se tentássemos romper com a perspectiva europeia e iluminista da História e entendêssemos as temporalidades ainda mais recuadas sem as divisões modernas entre Ocidente e Oriente? Veríamos o que estava lá, ou seja, uma gigantesca rede de rotas terrestres e marítimas, como expressa o famoso Atlas Catalão do século XIV do judeu Cresques Abraham.



Imagem 1: *Atlas Catalan*, Abraham Cresques, 1375, Maiorca. Bibliothèque nationale de France. Département des Manuscrits. Espagnol 30.

Fonte da Imagem:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Atlas_Catal%C3%A3o#/media/Ficheiro:Europe_Mediterranean_Catalan_Atlas.jpeg, acesso 11/08/2019.

Veríamos uma “*yimage del mon*” na forma como essa fonte a concebe: “Mapa Mundi, que podemos entender como imagem do mundo, de suas diversas idades, das regiões que existem sobre a Terra e das diversas gentes que aí habitam.”²⁴ Um mundo conectado não só espacialmente na relação micro-macrocosmo, como nas crônicas universais e cosmográficas medievais (Toro Vidal, 2015: 173-183; Von den Brincken, 1969: 43-57), mas também temporalmente em camadas²⁵ concomitantemente representadas desde a criação do mundo até o século XIV. Seja através da filosofia neoplatônica ou através da sua relação com a natureza e o cosmos, a cosmovisão do ser humano medieval percebia o tempo e o espaço com uma consciência de globalidade²⁶ (Robertson, 1999: 184) que lhes permitia

²⁴Primeiro folio do Atlas Catalão, lado A, coluna à esquerda. Tradução de Magali Nogueira em sua tese de doutorado (NOGUEIRA, 2013: 269). Trecho original: *Mapa mundi vol dir aytant con ymage del mon e de les diverses etats del mon e de les regions que son sus la terra, de diversas manera de gens qui en ela habiten.*

²⁵ Utilizo a metáfora de camadas temporais, baseando-me na reflexão sobre “estratos do tempo” de Reinhart Koselleck (2014).

²⁶ Consciência de globalidade é um termo utilizado por Roland Robertson, que é expressa na intensidade de como uma sociedade percebe-se como um todo com partes interdependentes e interconectadas.

compreender a interdependência e conectividade das partes em relação ao todo e entre elas mesmas.

Na “*yimage del mon*” medieval, veríamos rotas que ligavam a China à Península Ibérica, as viagens de Ibn Battuta, Marco Polo, Benjamim de Tudela e muitos outros²⁷. Rotas que foram passagens para o comércio, o poder, a religião, a arte, a opressão, o conhecimento, conflitos e transformações, como o foi descrito e analisado por Janet L. Abu-Lughod na obra mencionada no início deste artigo. Para além, a autora parece também perceber semelhanças entre o processo de conexões do século XIII e o processo vivenciado por ela na década de 90, e termina seu livro com a pergunta, se o sistema mundial “moderno” eurocentrado, construído sobre as ruínas do sistema mundial do século XIII, persistiria ou se já entraríamos (década de 1990) em uma fase de reestruturação adicional que seria tão dramática e significativa como a que ocorreu no século XVI (1989: 369). As possibilidades de resposta a essa questão apresentada pela autora soam, em 2019, de forma profética:

O sistema pode estar agora tão instável que qualquer choque global pode precipitar uma transformação radical. A era da hegemonia europeia/ocidental pode ser superada por uma nova forma de conquista mundial, mas isso é difícil de imaginar. Ao invés disso, parece mais provável que haverá um retorno ao equilíbrio relativo de múltiplos centros como ocorreu no sistema mundial do século XIII. No entanto, isso exigiria uma mudança nas regras do jogo ou, pelo menos, o fim das regras que a Europa introduziu no século XVI.²⁸

Quais seriam as novas regras deste jogo? Hoje, o medievo nos olha por um prisma global, porque só agora estamos preparados para ver e entender suas experiências de não-fronteiras, de fluência de pensamentos e concepções de mundo e epidemias mundiais. Somente porque experimentamos a sensação do mundo conectado é que podemos nos abrir para esse olhar medievo. As perspectivas da

²⁷Aqui coloco uma pequena lista de fontes de relatos de viajantes medievais: *CRÓNICAS de Viagem*. Franciscanos no Extremo Oriente antes de Marco Polo (1245-1330). SILVEIRA, Ildefonso; PINTARELLI, Ary E. (trad. ed.). Porto Alegre/ Bragança Paulista, 2005; MARCO POLO. *O Livro das Maravilhas*. BRAGA JR. Elói (trad.). Introdução e Notas de Stéphane Yerasimos. Porto Alegre: L&PM, 2009; IBN BATTUTA, *Através del Islam*. Madrid. Alianza Editorial. 2005; RABBAN SAWMA. *The Monks of Kublai Khan, Emperor of China*. BUDGE, Wallis (trad.), acesso em: <http://www.aina.org/books/mokk/mokk.htm>; BENJAMIN DE TUDELA. *O Itinerário de Benjamim de Tudela*. J. Guinsburg (org., trad. e nota). São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.

²⁸ Tradução da autora a partir do trecho: “*The system may now be so unstable that any global shock can precipitate a radical transformation in it. The era of European/western hegemony may be superseded by a new form of world conquest, but that is hard to imagine. Rather, it seems more likely that there will be a return to the relative balance of multiple centers exhibited in the thirteenth-century world system. But that would require a shift to different rules of the game, or at least an end to the rules Europe introduced in the sixteenth century.*” Cf. ABU-LUGHOD, Janet L.. *Before European Hegemony*, 1989: 371.

História Global que incorporam os estudos subalternos e a descentralização dos referenciais teóricos estão em consonância com a experiência deste século, seja pela experiência que fundamenta a crítica aos paradigmas hegemônicos, seja por suas propostas de descentralização e conexão: histórias globais para experiências globais. A pesquisa desta era não pode ser entendida como global apenas pela conectividade tecnológica, mas pela consciência de conexão humana e ambiental, suas condições e desdobramentos. Frente a isso, a pesquisa e o ensino de História Medieval devem assumir sua responsabilidade na formação dessa consciência que tem força para agir em um mundo precipitado em transformações radicais. Como medievalistas brasileiros possuímos a potência para construir as lentes para a diversidade e a descentralização do período medieval, dessa forma, provincializando/descolonizando a Idade Média da apropriação europeia da História e da razão.

Referências

Fontes Primárias Impressas

Agostinho de Hipona (2002). *Confissões*. São Paulo: Paulus.

Benjamin De Tudela (2017). *O Itinerário de Benjamim de Tudela*. J. Guinsburg (org., trad., e nota). São Paulo: Editora Perspectiva.

Crônicas de Viagem (2005). Franciscanos no Extremo Oriente antes de Marco Polo (1245-1330). SILVEIRA, Ildefonso; PINTARELLI, Ary E. (trad. ed.). Porto Alegre/ Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco.

Khaldun, Ibn (1958,1959,1960). *Muqaddimah* – Os prolegômenos. Tradução integral e direta da língua árabe para a portuguesa por José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia.

Ibn Battuta (2005). *Através del Islam*. Madrid. Alianza Editorial.

Marco Polo (2009). *O Livro das Maravilhas*. BRAGA JR. Elói (trad.). Introdução e Notas de Stéphane Yerasimos. Porto Alegre: L&PM.

Christine de Pizan (2012). *A Cidade das Damas*. Tradução Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. Florianópolis: Ed. Mulheres.

Bibliografia

Abu-Lughod, J. L. (1989). *Before European Hegemony: The World System A.D. 1250-1350*. New York: Oxford University Press.

Baschet, J. (2006). *A Civilização Feudal – Do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Editora Globo.

Borgote, M.; Tischler, M. M. (orgs.) (2012). *Transculturale Verflechtung im mittelalterlichen Jahrtausend*. Europa, Ostasien und Afrika. Darmstadt: Wissen Verbindet.

Borgolte, M. (2014). *Mittelalter in der Grösseren Welt. Essays zur Geschichtsschreibung und Beiträge zur Forschung*. LOHSE, Tilmann; SCHELLER, Benjamin (Orgs.). Bad Langensalza: Adekademie Verlag GmbH. (Europa im Mittelalter, Band 24)

Braudel, F. (1984. [original: 1949, revisto em 1965]). *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico*. São Paulo: Martins Fontes.

Chakrabarty, D. (2000). *Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference*, Princeton: Princeton University Press.

Comaroff, J. Comaroff, J. (2011). *Theory from the South: or how Euro-America is evolving toward Africa*. London: Paradigm Publishers.

Conrad, S. (2016). *What is Global History*. Princeton University Press. Princeton, New Jersey.

Davis, N. Z. (2011). Decentering History: local stories and cultural crossings in a global world. *History and Theory*, 50 (May 2011), 188-202.

De Libera, A. (1998). *Filosofia Medieval*. São Paulo: Edições Loyola.

Frighetto, R.; Silva, G. V. da; Guimarães, Marcella Lopes (orgs.) (2019). *As mobilidades e as suas formas na Antiguidade Tardia e na Idade Média*. Vitória: GM Editora. (Coleção *Lux Antiquitatis*)

Geary, P. (2005). *O mito das Nações. A invenção do nacionalismo*. São Paulo: Conrad.

Guha, R. (2002). *History at the limit of world-history*. New York; West Sussex: Columbia University Press.

Guha, R.; Spivak, G. C. (1988). *Selected Subaltern Studies*. New York. Oxford University Press.

Gumbrecht, U. (2010). *Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Tradução de Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio.

Heidegger, M. (2006). *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

Holmes, C.; Standen, N. (2015). Defining the global Middle Ages. *Medieval Worlds*, nº1, 106-117. DOI 10.1553/medievalworlds_no1_2015s106, <https://www.medievalworlds.net/0xc1aa5576%200x00324b69.pdf>, acesso em 10/08/2019.

Huish, R. (2006). Logos a Thing of the Past? Not So fast, World Social Forum!. *Antípode*, 38(1), 1-6.

Fernandes, F. R. (org.) (2016). *Identidades e Fronteiras no medievo Ibérico*. Curitiba: Editora Juruá.

Ficker, S. K. (2014). Mundial, transnacional, global: um ejercicio de clarificación conceptual de los estudios globales. *Nuevo Mundo, Mundos Novos*. Debates, 1-15. <https://journals.openedition.org/nuevomundo/66524>, acesso em 08/08/2019, Doi:10.4000/nuevomundo/66524.

Figueiredo, C. V. da S. (2010). Estudos Subalternos: uma Introdução, *Revista Raído*, Dourados, MS, v. 4, n. 7, jan./jun., 83-92.

Franklin, J. H. (1963). *Jean Bodin and the Sixteenth Century Revolution in the Methodology of Law and History*. New York: Columbia University Press.

Kosellek, R. (2012). *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contra Ponto. Editora da PUC Rio.

Le Goff, J. (2007). *As Raízes Medievais da Europa*. Petrópolis, Petrópolis (RJ): Vozes.

Le Goff, J. (2008). *Uma Breve História da Europa*. Petrópolis (RJ): Vozes.

Macedo, J. R. (2003). Repensando a Idade Média no Ensino de História. In: Karnal, Leandro (Org.). *História na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 109-125.

Macedo, J. R. (2011). *Os Viajantes da Rota da Seda (séculos V-XV)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Maldonado-Torres, N. (2006). Post-continental Philosophy: its Definition, Contours, and Fundamental Sources. *World & Knowledge Otherwise (online)*, 1, 2006.

https://globalstudies.trinity.duke.edu/sites/globalstudies.trinity.duke.edu/files/file-attachments/v1d3_NMaldonado-Torres.pdf, acesso: 11/08/2019.

Mignolo, W. (2006). Citizenship, Knowledge, and the Limits of Humanity. *American Literary History*, 18 (2), 321-331.

Patrologia Latina, Migna, Tomo 172, Honorii Augustodunensis, Opera Omnia, 1854.

Pallazo, C. (2009). A Cultura Material na Rota da Seda: fontes para pesquisa em História Medieval. *Revista Aedos*, 2 (2) 464-470.
<https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/9873>, acesso, 11/08/2019.

Pirenne, H. (2010). *Maomé e Carlos Magno*: o impacto do Islã sobre a civilização europeia. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio.

Robertson, R. *Globalização: teoria social e cultura global*. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1999.

Rosa, M. C. (2014). Sociologias do Sul: Ensaio bibliográfico sobre limites e perspectivas de um campo emergente. *Civitas*, Porto Alegre, vol. 14, n. 1, jan.-abr., 43-65.

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/16936>, acesso: 11/08/2019.

Rüsen, J. (2010). *Razão Histórica*. Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2010.

Santos, B. de S. (1995). *Toward a New Common Sense: Law, Science and Politics in the Paradigmatic Transition*. New York: Routledge.

Santos, B. de S.; Meneses, M. P. (orgs) (2009). *Epistemologias do Sul*. Coimbra, Almedina-CES.

Santos Jr., J. J. G. dos (2017). História global: um empreendimento intelectual em curso. *Revista Tempo*, vol, 23, n. 3 set./dez., 483-502. < http://www.scielo.br/pdf/tem/v23n3/1980-542_X-tem-23-03-483.pdf>, acesso: 11/08/2019. DOI: 10.1590/TEM-1980-542X2017v230304.

Schuback, M. S. C. (2000). *Para ler os Medievais*. Ensaio de hermenêutica imaginativa. Petrópolis/RJ: Vozes.

Seth, S. (2013). Razão ou Raciocínio? Clio ou Shiva? *História da Historiografia*, n.11, abril, 173-189. < [file:///C:/Users/HP/Downloads/554-2277-2-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/HP/Downloads/554-2277-2-PB%20(1).pdf)>, acesso: 11/08/2019. doi: 10.15848/hh.v0i11.554.

Silveira, A. D. da (2015). Saber em movimento na obra andaluza *Gāyat al-hakīm*, o Picatrix: problematização e propostas. *Diálogos Mediterrânicos*, n. 9, 169-188. <<file:///C:/Users/HP/Downloads/175-1314-1-PB.pdf>>, acesso: 11/08/2019.

Silveira, A. D. da (2016). Algumas Experiências, Perspectivas e Desafios da Medievalística no Brasil frente às demandas atuais. *Revista Brasileira de História*, v. 36, n.72, 39-59. http://www.scielo.br/pdf/rbh/v36n72/1806-9347-rbh-2016v36n72_004.pdf, acesso: 11/08/2019. http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472016v36n72_004.

Silveira, A. D. da (2016b). Temporalidade, Historicidade e Presença em uma análise do Prólogo do Picatrix (séc. XIII). *História da Historiografia*. Ouro Preto, n. 22, dez. 2016b, pp. 181- 201. DOI: 10.15848/hh.v0i22.1028.

Silveira. A. D. da; Paolozzi, M. (org.) (2018). *Ser, tempo e espaço: reflexões interdisciplinares sobre o medievo*. Pelotas: NEPFIL Online, 2018. (Série Dissertatio Filosofia).<<https://wp.ufpel.edu.br/nepfil/files/2018/09/SerTempoEspac%CC%A7o.pdf>>, acesso: 11/08/2019.

Subrahmanyam, S. (2017). Em busca das origens da História Global: Aula inaugural proferida no *Collège de France* em 28 de novembro de 2013. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v 30, n 60, 219-240, janeiro-abril 2017.

Tischler, M. M. (2014). Academic challenges in a changing word. *Journal of Transcultural Medieval Studies*. N. 1, vol. 1, 1-8.

Toro Vial, J. M. de (2015). As crônicas Universais e a cosmografia medieval. In: Teixeira, Igor S.; Bassi. R.. *A escrita da História na Idade Média* (p. 158-181) São Leopoldo: Oikos.

Von den Brincken. A. (1969). Die lateinische Weltchronistik. In: Randa, A. (ed.). *Menschen und Weltgeschichte* (p. 41-86). Zur Geschichte der Universalgeschichtsschreibung. Salzburg-München.

Wallerstein, I. (1974). *The Modern World-System*. Vol. I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century. New York/London: Academic Press.

Wallerstein, I. (1980). *The Modern World-System*. Vol. II: Mercantilism and the Consolidation of the European World-Economy, 1600-1750. New York: Academic Press.

Wallerstein, I. (1989). *The Modern World-System*. Vol. III: The Second Great Expansion of the Capitalist World-Economy, 1730-1840's. San Diego: Academic Press.

Recebido: 27 de janeiro de 2020

Aprovado: 10 de abril de 2020